

FASCISMO SEM UNIFORME EM IMAGENS DE PENSAMENTO DE SIEGFRIED KRACAUER

[FASCISM WITHOUT UNIFORM IN SIEGFRIED KRACAUER'S THOUGHT-IMAGES]

Danielle Corpasⁱ

ORCID 0000-0002-7890-6828

Universidade Federal do Rio de Janeiro – Rio de Janeiro, RJ, Brasil

Resumo: Entre 1930 e 1933, Siegfried Kracauer (1889-1966) abordou o fortalecimento do fascismo na Alemanha em textos de diferentes gêneros publicados no *Frankfurter Zeitung*. Aqui são comentados breves escritos desse período, imagens de pensamento nas quais a reflexão sobre o problema político se configura com a observação de “discretas manifestações de superfície” nas ruas de Berlim. Na leitura desse conjunto destacam-se dois motivos importantes no pensamento de Kracauer: *vazio e espera*.

Palavras-chave: Siegfried Kracauer; Fascismo; Imagem de pensamento; Vazio; Espera.

Abstract: Between 1930 and 1933, Siegfried Kracauer (1889-1966) addressed the strengthening of fascism in Germany in texts of different genres published in the *Frankfurter Zeitung*. This article comments on some short writings of this period: thought-images in which the reflection on the political problem is configured with the observation of “surface-level expressions” in the streets of Berlin. Two important components of Kracauer's thinking stand out in this set: *emptiness and wait*.

Keywords: Siegfried Kracauer; Fascism; Thought-image; Emptiness; Wait.

A partir de 1921, a participação de Siegfried Kracauer no meio intelectual de língua alemã se fez em grande parte por via de sua atuação no *Frankfurter Zeitung* [FZ], até ser demitido em agosto de 1933, poucos meses depois de se exilar na França – àquela altura, o jornal já havia aderido ao expurgo de colaboradores judeus e de esquerda exigido pelo governo de Hitler. Antes do vínculo com o FZ, Kracauer só havia publicado sua tese de doutorado em Arquitetura (1915), e mesmo enquanto trabalhou para o periódico lançou poucos livros: o romance *Ginster. Von ihm selbst geschrieben* [Ginster. Escrito por ele mesmo] (1928), os estudos *Soziologie als Wissenschaft* [Sociologia como ciência] (1922) e *Die Angestellten. Aus dem neuesten Deutschland* [Os empregados. Sobre a Alemanha mais recente] (1930). Sem contar com inserção formal no âmbito universitário, era a atividade como publicista que lhe permitia intervir nos debates da época, em um circuito de alta potência (que incluía – só para lembrar alguns dos mais célebres – Theodor Adorno, Walter Benjamin, Bertolt Brecht, Thomas Mann, Alfred Döblin, Ernst Bloch etc.).

Mas o jornalismo cobrava seu preço, explicou Kracauer em carta a Adorno de 22/07/1930: “eu tenho que me esfalfar tremendamente para fazer razoavelmente bem as obrigações do jornal e meus próprios trabalhos. Você pelo menos está na feliz posição de poder executar os seus trabalhos sem impedimentos. Eu, por outro lado, tenho que sacrificar minha energia em artigos e ensaios que, em sua maioria, não irão viver para além do jornal.” (ADORNO; KRACAUER, 2008, p. 231-232)¹. De fato, só anos depois de sua morte vieram a ser reunidos em livro um número expressivo de textos preparados para o periódico – que, na carta, ele diz escrever com o mesmo amor dedicado ao romance que preparava na ocasião².

¹ A menos que haja outra indicação, são minhas as traduções de trechos de obras em línguas estrangeiras. No caso de citações de Kracauer a partir do alemão, contei com a cuidadosa revisão de Marcos de Ponte (USP), a quem agradeço.

² O romance a que Kracauer se refere na carta a Adorno é *Georg*, o segundo e último que escreveu, só publicado em 1973, em um dos volumes de seus *Schriften* [Escritos]. Antes dessa compilação editada pela Suhrkamp entre 1971 e 1990, muitos de seus trabalhos permaneciam inéditos, como *Das Detektiv-Roman. Ein philosophischer Traktat* [O romance policial. Um tratado filosófico] (1971), redigido entre 1922 e 1925. E apenas um pequeno número de artigos veiculados no FZ e em outros periódicos havia sido reunido em *O ornamento da massa* (1963) e em *Straßen in Berlin und anderswo* [Ruas em Berlim e outros lugares] (1964). Em 2012, a mesma Suhrkamp concluiu a edição de suas obras coligidas.

Kracauer dispunha de autonomia suficiente no *FZ* para exercitar uma forma de jornalismo que se imbricava com o ensaio e a literatura. E a injunção de cumprir pauta de atualidades não deixava de ser oportuna para quem tinha interesse por *discretas manifestações de superfície*, aqueles fenômenos do cotidiano tão banais quanto significativos que, em “O ornamento da massa”, afirma serem imprescindíveis para a compreensão do “lugar que uma época ocupa no processo histórico” (KRACAUER, 2009, p. 91). Artigos que tinham como mote detalhes da vida em grandes cidades, espetáculos populares ou simplesmente *faits divers* articulam-se a outros escritos (ensaios mais densos, crítica de literatura e cinema, resenhas de obras e palestras filosóficas, sociológicas etc.). O trabalho de Kracauer para o jornal pode ser visto como um grande painel da situação do que era a “Alemanha mais recente” (para lembrar o subtítulo de *Os empregados*). Mais que isso: o conjunto de seus milhares de artigos compõe um esclarecedor *mosaico*. É assim que define o livro de 1930, extremamente singular, inclassificável mesmo, talvez o melhor exemplo do aproveitamento que o escritor soube obter de sua posição no *FZ*.

Em 1929, às expensas do jornal, ele se instalou em Berlim por alguns meses para fazer pesquisa de campo nada ortodoxa sobre uma camada social que vinha crescendo exponencialmente na Alemanha desde o final do século XIX: funcionários de escritórios, grandes empresas, bancos e casas comerciais – categorias de trabalhadores que, entre 1907 e 1924, haviam aumentado ao todo 111%, enquanto o número de operários na indústria subiu 12% (cf. BELKE, 2008, p. 28). Embora estivessem muito próximos do operariado em termos salariais e de organização do trabalho, os empregados de grandes lojas e escritórios se consideravam integrantes de uma “nova classe média”. Por mais que sua situação material os aproximasse do proletariado industrial, mantinham-se apegados a valores burgueses que não correspondiam às condições objetivas em que viviam, mas que em compensação eram convenientes para a forja do discurso corporativo, que assimilou noções como “personalidade” e “talento”, toda uma “terminologia estafada, retirada do dicionário da defunta filosofia idealista” (KRACAUER, 2015, p. 26). Em *Os empregados*, há uma síntese emblemática dessa conjunção entre cultura burguesa, pauperização da classe média e racionalização do trabalho, numa passagem sobre moças empregadas em funções mecânicas:

Que a maquinaria seja confiada, sobretudo, a raparigas, prende-se, entre outras coisas, com a destreza manual das juvenis criaturas – uma dádiva da natureza muito generalizada que, todavia, não justifica um salário mais alto. Nos tempos em que a vida ainda corria bem à classe média, muitas jovens que agora se dedicam à perfuração exercitavam os dedos, martelando peças musicais no piano da família. [...]

Sei de uma empresa industrial que recruta as raparigas no liceu e põe o seu próprio monitor a dar-lhes formação em dactilografia. O astuto professor liga um gramofone, ao som do qual as alunas têm de teclar. Ao som de alegres marchas militares, o compasso da batida torna-se fácil. [...] Os anos de formação fazem delas campeãs de dactilografia, e a música produziu um milagre sem grandes custos. (KRACAUER, 2015, p. 39-40)

Para compreender o “território desconhecido” que é o universo dos empregados, Kracauer fez entrevistas com trabalhadores, empresários e sindicalistas; homens e mulheres; reuniu matérias de jornal e panfletos; visitou agências de emprego; acompanhou processos em tribunais trabalhistas; observou as alternativas de lazer mais buscadas – enfim, coletou dados do dia-a-dia e dos discursos que perpassavam a vida daquelas pessoas e os apresentou como “casos exemplificativos da realidade” (KRACAUER, 2015, p. 8). Por essa descrição, pode-se supor que se trata de uma reportagem, mas está longe disso a série de artigos produzida para o *FZ*. O modo de composição se contrapõe ao princípio de objetividade pretensamente neutra que Kracauer criticava em expressões de realismo documental da época, como a *Neue Sachlichkeit* [Nova Objetividade] e o romance-reportagem. Logo no início do livro, ele deixa claro que, embora a reportagem pretenda apresentar alguma “manifestação espontânea da existência concreta”, apenas reproduz o existente sem captar seu sentido, apenas acumula informações que por si só não conduzem à compreensão dos fenômenos, o que dependeria da apreensão e da organização do que for mais significativo no “conteúdo das observações isoladas”: “A reportagem dá-nos uma fotografia da realidade; um mosaico deste género dar-nos-ia a sua imagem” (KRACAUER, 2015, p. 21). Sem seguir por caminho analítico convencional nem sistematizar alguma teoria, a exposição em *Os empregados*, menos descritiva do que sugestiva, compõe de fato uma imagem crítica da vida social, com metáforas, ironia, tratamento plástico das situações, montagem de fragmentos de cenas, falas, textos. Como notou Francisco García Chicote (2010), procedimentos como esses geram efeito de estranhamento comparável ao literário, provocando o leitor a refletir sobre circunstâncias naturalizadas.

Em 1930, numa resenha do livro, Walter Benjamin reconheceu nesse modo de escrita um posicionamento político. Associando Kracauer a uma figura que poucos anos

depois colocaria em primeiro plano (no ensaio “A Paris do segundo Império na obra de Baudelaire”), descreve-o como “um trapeiro que, na madrugada pálida, apanha com o cajado farrapos de discursos e palavras soltas”. Com essa coleta, o “tipo de entendimento que se estabelece entre este *outsider* e a linguagem do colectivo que tem em vista” faz frente à “perversão da própria linguagem, que cobre com as palavras mais calorosas, mais refinadas, mais amigáveis, a mais miserável, a mais comum e a mais hostil das realidades”. O resenhista deixa sugerido que há um senso realista dos limites e das possibilidades de intervenção no trabalho desse autor que “penetra dialeticamente na vida dos empregados”. Valendo-se de aproximação solidária e distanciamento irônico, Kracauer não só evita a falsa imediaticidade (“efeito demagógico” em que consistiria a tentativa de “proletarização do intelectual”) como também promove “a politização da sua própria classe” por meio de “uma formação teórica construtiva”. Nesse efeito político indireto (“o único que um escritor revolucionário oriundo da burguesia pode propor a si mesmo”), Benjamin reconhece uma importante contribuição de *Os empregados* (cf. BENJAMIN, 2015, p. 155-159)³. Não por acaso, naquele mesmo ano de 1930, o planejamento para a revista *Krise und Kritik* [Crise e Crítica] – projeto liderado por Benjamin, Brecht, Bernard von Brentano e Herbert Ihering – previa que Kracauer tratasse de temas relacionados ao posicionamento político da *intelligentsia* alemã⁴.

Há alguns anos, um comentador pôs em xeque a celebrada argúcia de Kracauer para detectar tendências no campo político ou manifestações de superfície relevantes, argumentando que ele teria sido “surpreendido” pelo espraiamento do fascismo na vida

³ Um indício da afinidade de Walter Benjamin com *Os empregados* é o fato de que a passagem da resenha que contesta a eficácia revolucionária de uma “proletarização do intelectual” repete-se num fragmento redigido entre 1930 e 1931 (“Para uma crítica da ‘Nova Objetividade’”) e, poucos anos depois, em “O autor como produtor”, onde também é retomada a proposta de “forma indireta de intervenção” do intelectual burguês (ver BENJAMIN, 2015, p. 136; 2017, p. 105).

⁴ Em 26/11/1930, Kracauer participou de reunião sobre a revista *Krise und Kritik*, que sairia pela editora Rowohlt. Nas atas, consta que caberia a ele debater, no primeiro número, as posições de Döblin a respeito da atuação política a ser assumida pelos intelectuais, apresentadas em uma série de artigos que foram reunidos no ano seguinte no livretinho *Wissen und Verändern!* [Saber e transformar!]. O projeto *Krise und Kritik* não foi adiante, mas Kracauer de fato entrou no debate com Döblin, com os artigos “Was soll Herr Hocke tun?” [O que o senhor Hocke deve fazer?] (*FZ*, 17/04/1931) e “Minimalforderung an die Intellektuellen” [Exigência mínima aos intelectuais] (*Die Neue Rundschau*, julho de 1931). Na reunião, Kracauer sugeriu ainda outro tema na mesma linha: *Die abgeirrten Intellektuellen* [Os intelectuais desviados], entre os quais estariam incluídos Arnolt Bronnen (dramaturgo austríaco com quem Brecht havia trabalhado e que em 1933 assinaria juramento de lealdade a Hitler) e Ernst von Salomon (romancista que colaborava para periódicos conservadores e estivera envolvido no assassinato de Walther Rathenau, o ministro das relações exteriores que se tornou ícone da República de Weimar). Sobre *Krise und Kritik*, ver WIZISLA, 2013, p. 113-197; sobre o debate com Döblin, ver KRACAUER, 2011, v. 3, p. 486-493; p. 601-606.

cotidiana dos alemães. Considerando artigos publicados no *FZ* até 1932, o autor de *Siegfried Kracauer et les grands débats intellectuels de son temps* [Siegfried Kracauer e os grandes debates intelectuais de seu tempo] considera paradoxal que ele não tenha evidenciado em textos do período a dimensão teatral ou fenomenal do extremismo de direita em suas manifestações cotidianas (DIGBEU-BADLOR, 2005, p. 164, 178).

Essa observação tem razão de ser até certo ponto. Se já em 1923, antes mesmo do Putsch da Cervejaria, Kracauer não deixou de se posicionar em relação à “epidemia do cego nacionalismo revanchista” que Hitler começava a capitanear (KRACAUER, 2011, v. 1, p. 585; ver também p. 653), só a partir de 1933, já no exílio, preparou análises sistemáticas como “Les classes de la population allemande et le national-socialisme” [As classes da população alemã e o nacional-socialismo] e, alguns anos mais tarde, o estudo sobre propaganda fascista encomendado pelo Instituto de Pesquisas Sociais⁵. Como lembra Dagbeu-Badlor (2005, p. 179), é óbvio que concorreu para isso a mudança na direção do *FZ*, que em 1929 seguiu a inclinação à extrema-direita do patronato alemão (ver também GROSCURTH, 2007, p. 66).

Ainda assim, em 02/09/1930 (ou seja, duas semanas antes das eleições em que o partido nacional-socialista formou a segunda maior bancada, crescendo de 12 para 107 parlamentares), Kracauer publicou o editorial anônimo “Die geistige Entscheidung des Unternehmertums” [A decisão intelectual do empresariado], uma espécie de apelo ao bom-senso dos empresários, propondo que assumissem seu papel no desenvolvimento da economia e advertindo para o perigo representado por (con) fusão [*Verquickung*] entre interesses econômicos nacionais e interesses reacionários mascarados de patriotismo. Nesse artigo, chama atenção para tendências perceptíveis no ideário de muitos “funcionários do grande capital”: reacionarismo antimarxista, apoio a agitadores políticos chauvinistas, sedução por ditadura, rejeição da social-democracia, confiança em propostas fascistas, adesão ao emprego da violência. O editorial alerta que isso aponta para um pacto com nacionalismo tacanho que, do ponto de vista da economia, significava

⁵ O artigo sobre as classes da população alemã saiu em francês em *L'Europe Nouvelle* (20/05-03/06/1933), a versão em alemão encontra-se em KRACAUER, 2011, v. 4, p. 433-445. O estudo sobre propaganda fascista não chegou a ser publicado na época porque o autor não concordou com a versão extremamente reduzida e modificada que Theodor Adorno preparou para a revista, o que provocou uma tensa discussão entre eles. Apenas em 2012 o texto de Kracauer foi editado, a partir de um manuscrito descoberto em seu acervo, depositado no Deutsches Literaturarchiv Marbach (ver KRACAUER, 2013a, p. 7; MACHADO, 2018).

cavar a própria cova. Note-se que, nesse caso, Kracauer procurou falar a língua dos empresários: num contexto mundial de estabelecimento de redes de relações econômicas internacionais, a saída pela extrema-direita nacionalista ia em contramão, não seria boa para os negócios (cf. KRACAUER, 2011, v. 3, p. 314-318).

Sinais de atenção ao avanço do fascismo aparecem também em ensaios anteriores a 1933 republicados em *O ornamento da massa*. O próprio ensaio-título, de 1927, leva em conta uma manifestação de superfície que se tornaria emblemática do nazismo, a ginástica rítmica. Outros trechos são ainda mais explícitos, como o final de “Adeus à Passagem das Tílias” (1930), que critica a remodelação do espaço urbano, a “arquitetura vazia que por um instante se mostra de modo inteiramente neutro e posteriormente reproduzirá Deus sabe o quê – talvez o fascismo ou simplesmente nada” (KRACAUER, 2009, p. 364). No ano seguinte, “Rebelião dos estratos médios” apresenta um diagnóstico tributário do trabalho sobre os empregados e ao qual Kracauer retornaria em “Les classes de la population allemande...” e em *De Caligari a Hitler: uma história psicológica do cinema alemão* (1947): a “desintegração da classe média destituída (causada pela situação material e idealista)” a empurra para o “barbarismo”; como o ideal de vida burguesa dessa classe média proletarizada foi solapado pela crise econômica e ela se recusa a se solidarizar com o proletariado, acaba por tender “à violência bruta, que surge do sentimento de que só poderia se manter viva através dela” (KRACAUER, 2009, p. 141-144).

Em várias ocasiões, a reflexão de Kracauer a propósito de indícios de fortalecimento do fascismo na Alemanha se apresenta na forma de imagem de pensamento [*Denkbild*]. Um conjunto de seis artigos desse gênero publicados no *FZ* é especialmente interessante, porque acompanha a cronologia de eventos políticos decisivos para a escalada nazista nos últimos anos da República de Weimar.

- “Schreie auf der Straße” [Gritos na rua] (19/07/1930, republicado em *Straßen in Berlin und anderswo* [Ruas em Berlim e outros lugares]) saiu três dias depois da primeira de uma série de dissoluções do parlamento (possibilidade prevista na constituição de Weimar) ocorridas de 1930 a 1933, a partir da ruptura da coalizão partidária liderada pelos social-democratas. As manifestações de rua nacional-socialistas vinham se tornando mais frequentes e agressivas desde o agravamento da crise econômica em 1929.

- “Zertrümmerte Fensterscheiben” [Vidraças despedaçadas] (16/10/1930) e “Alle Tage Demonstration” [Todos os dias manifestação] (12/12/1930) saíram nos meses subsequentes às eleições parlamentares de 14/09/1930, quando o partido nazista alcançou a posição de segunda maior bancada, depois de campanha extremamente violenta.

- “Am Abend des Wahltags” [Na noite do dia de eleição] (15/03/1932) foi publicado logo depois do primeiro turno das eleições presidenciais (13/03/1932); “Flaggen” [Bandeiras] (24/04/1932), no mesmo dia das eleições na Prússia em que o partido nacional-socialista obteve maioria, duas semanas depois do segundo turno das eleições presidenciais (10/04/1932), quando o social-democrata Paul von Hindenburg foi eleito com 53% dos votos e Hitler ficou em segundo lugar, com mais de 36%.

- “Rund um den Reichstag” [Em torno do Parlamento] saiu em 02/03/1933, mesma data em que teve início o exílio de Siegfried Kracauer em Paris. Hitler havia sido nomeado chanceler em janeiro; o incêndio do Reichstag, em 27/02, deu ensejo à publicação imediata de decretos que suspenderam direitos civis.

Mas não se trata de crônica política. Em boa parte desses textos os acontecimentos da política institucional sequer são mencionados. Com a aparente despreensão de relatos sobre o dia-a-dia nas ruas, em tom ora grave, ora irônico, ou até beirando o cômico, e com procedimentos de composição similares aos que utilizou em *Os empregados*, Kracauer põe em cena, nesse conjunto de imagens de pensamento [*Denkbild*], aspectos sutis do modo como a adesão ao fascismo se manifestava na superfície da vida social. E só alcança exprimir tais sutilezas com esse gênero de escrita que aciona um modo singular de reflexão. Esses artigos podem ser considerados também “quadros de cidades” ou “ensaios urbanísticos” (VEDDA, 2019), “retratos de rua” ou “miniaturas urbanas” (DESPOIX, 2001). Mas a noção de imagem de pensamento exprime melhor o modo e o alcance da reflexão que se elabora nesses escritos.

Para Adorno, um *Denkbild*, que trabalha para dizer em palavras aquilo que não pode ser dito em palavras, lança uma impossibilidade; com efeito, deseja fazer de tal impossibilidade seu princípio estruturante. Se em um dito famoso Wittgenstein insiste que se deve silenciar a respeito daquilo que não se pode falar, o *Denkbild* procura falar somente sobre aquilo do que não se pode falar. Consequentemente, o *Denkbild* esforça-se para criar uma imagem (*Bild*) em palavras das maneiras nas quais diz o que não pode ser dito. É um instantâneo da impossibilidade de seus próprios gestos retóricos. Aquilo que nos faz pensar (*denken*) são justamente as formas nas quais se transmite uma imagem (*Bild*), não apenas deste ou

daquele conteúdo particular, mas sempre também de seu próprio dobrar-se sobre si mesmo, seu fracasso mais bem sucedido. (RICHTER, 2017, p. 24)⁶

Vazio e Espera

Um sujeito habituado a circular pelo oeste de Berlim deixa claro no início de “Gritos na rua” que há algo estranho no ar (e não são os aviões Junkers). Naquela região da cidade frequentemente experimenta uma sensação inexplicável, medo de que a qualquer momento aconteça alguma coisa muito ruim. Parece que em todo lugar há um perigo oculto, como se ao dobrar uma esquina fosse ser surpreendido pela detonação de um explosivo. Depois de confessar que não sabe de onde vem seu mal-estar, cogita possíveis causas para a expectativa de tamanha violência iminente. São hipóteses que soam arbitrárias e desproporcionais em relação ao peso de sua angústia: o fato de que as longas ruas se perdem no infinito, de que passam por elas ônibus cujos passageiros miram com indiferença a paisagem urbana, de que as pessoas que transitam ali, cada uma com seus objetivos desconhecidos, cruzam-se como o emaranhado de linhas em uma folha de padrão de costura.

Já na abertura desse artigo reúne-se uma série de atitudes e motivos recorrentes nos escritos de Kracauer: o estranhamento diante do que seria corriqueiro, o olhar que procura decifrar segredos da sociabilidade moderna no desenho da ordem urbana, o interesse pelas motivações mais recônditas das massas humanas, a narração enunciada por um observador participante e – de um modo muito peculiar, que será comentado adiante – o tema da espera.

Mas em nenhum momento fica explícito a que se deve a apreensão. Por três vezes, sistematicamente (no início, no meio e no fim do texto), o narrador repete que não sabe do que se trata, não sabe porque aquelas ruas a princípio aprazíveis lhe parecem tão ameaçadoras. Essa insistência em admitir ignorância fica carregada de uma espécie de ingenuidade aparvalhada, um exagero de espanto que, pelo contraste com a demonstração de perspicácia em comentários atentos a minúcias, põe em suspenso a normalidade do cotidiano. Enquanto confessa seu não-saber, intrigado com a fonte da mistura de susto e pânico que o acomete, repõe-se continuamente o incômodo, na medida em que são relatadas situações em que se experimentou a mesma sensação difusa de perigo iminente,

⁶ Sobre a forma da imagem de pensamento, ver também DURÃO, 2017.

de uma ameaça que paira no ar mesmo onde a vida na cidade transcorre normalmente. Com aparente arbitrariedade de associação livre entre tempos, espaços e contextos diferentes, numa sequência de microepisódios, entram em cena uma manifestação nacional-socialista e três ocasiões nas quais gritos mórbidos e inexplicados foram ouvidos à noite naquela mesma região. Em nenhum dos casos a expectativa de violência se confirma visivelmente, o que reforça a suspeita de que um perigo ronda a normalidade, tão insidioso que se mantém oculto.

Nós estávamos sentados juntos em um pequeno grupo, quando de repente percebi que a ampla área da praça urdia um escândalo. Não havia nada acontecendo, nenhum vidro tilintava, os carros descreviam seus percursos como de costume. Mas aquela atmosfera, que à tarde costuma ser cercada por uma multidão exausta e fachadas de casas desgastadas, estava carregada de uma tensão insuportável. Depois de uma breve pausa, irrompeu um verdadeiro estrondo. Uma tropa nacional-socialista – as pessoas na época ainda usavam uniforme – achou que estava sendo ridicularizado pelos clientes do café, subiu no parapeito e começou a se enfurecer. Por fim chegou a polícia e estabeleceu a paz...

Porém, na verdade, não era esse estrondo que eu esperava, mas um outro, que não deveria ter nenhuma origem específica e que provavelmente só não aconteceu por isso, porque o barulho dos nacional-socialistas já havia limpado novamente o ar [...]. (KRACAUER, 2011, v. 3, p. 279-280)⁷

Numa inversão inesperada, o que a princípio poderia esclarecer a expectativa negativa é apresentado como impedimento à sua realização. O que o texto aponta como temível é algo que não se identifica, e a brutalidade dos militantes está previamente codificada em seus uniformes, assim como o ruído que fazem quando tomam a cena se sobrepõe à origem silenciosa da “tensão insuportável” no espaço público. Mas um detalhe reverte a inversão operada na narração do episódio. O comentário sobre o uso de uniformes, intercalado *en passant* ao relato, associa discretamente a disseminação do nacional-socialismo à ameaça pressentida: no presente da narrativa, os partidários já não usam mais uniformes, o que sugere que são tão indiscerníveis quanto o mal incubado que o narrador intui. Isso se confirma numa passagem de outro texto, “Todos os dias manifestação”. Aí, o sujeito que percorre ruas importantes de Berlim também vive a expectativa de que algo aconteça e, de repente, se vê em meio a uma passeata nacional-socialista. Os participantes são caracterizados como soldados, mas em roupas civis que

⁷ Notas editoriais a esse trecho informam que, ao rever o artigo para incluí-lo no “Straßen-Buch” [Livro das ruas] planejado para 1933, Kracauer eliminou as duas ocorrências do termo “nacional-socialista” (cf. KRACAUER, 2011, v. 3, p. 281), decerto com vistas a evitar problemas com censura. O projeto afinal só foi realizado em 1964, com a publicação de *Straßen in Berlin und anderswo* [Ruas em Berlim e outros lugares], e aí as alusões à militância nazista reaparecem.

não se distinguem das que são usadas pelas outras pessoas na rua, a não ser naquele momento em que, ao marchar, se portam como se vestissem uniformes (KRACAUER, 2011, v. 5.3, p. 388).

O problema figurado em “Gritos na rua” não é o da violência consumada, ao alcance dos olhos, e sim o de uma ameaça difusa no ambiente social. Na sequência do episódio ocorrido no café, a origem do “horror sem fundamento” [ein Grauen [...], das gegenstandslos ist] permanece inominada, mas ganha alguma nitidez por meio da comparação entre bairros proletários e burgueses.

Também por isso “Gritos na rua” e “Todos os dias manifestação” formam par: em ambos, a descrição de uma manifestação nacional-socialista é seguida da lembrança de passeatas trabalhistas, e estas são perpassadas por uma vivacidade que contrasta com a rudeza dos militantes de extrema-direita. Em “Todos os dias manifestação”, os trabalhadores caminham no 1º de Maio em visível camaradagem, em discussões animadas; é um desfile sem muita regra, as pessoas não assumem posições fixas na multidão, movem-se em debates. O contrário da disciplina marcial que faz os nacional-socialistas seguirem ordenadamente, em silêncio, como autômatos convictos rumo a uma meta, seja lá qual for. Em “Gritos na rua”, os bairros proletários de Berlim são descritos como ambiente impregnado pela vibração de cores, movimentos e sons das recorrentes passeatas de trabalhadores. Ali, onde são frequentes as manifestações que envolvem homens, mulheres e crianças, em integração entre si e com o lugar que habitam, as ruas estão imantadas de “um conteúdo palpável, quase factual” [einen greifbaren, einen beinahe nüchternen Inhalt]. Já as áreas do oeste são cenário de um cotidiano individualista, as figuras humanas surgindo sempre no singular, apáticas (um veterinário que passeia com seu cachorro, um menino brincando sozinho no jardim). “Aqui não se espera nada um do outro” [Man erhofft hier nichts voneinander], por isso aquela região burguesa se mostra “sem conteúdo e vazia” [ohne Inhalt und leer]. A própria insistência com que Kracauer afirma que não sabe exatamente porque aquelas ruas lhe parecem um “inimigo desumano” [ein unmenschlicher Feind] fortalece essa hipótese mais desenvolvida no texto: “É esse vazio que por instantes as faz tão assustadoras?” [Ist es diese Leere, die sie für Sekunden so unheimlich macht?] (KRACAUER, 2011, v. 3, p. 280).

O *vazio* reaparece com mais concretude em “Na noite do dia de eleição”, diretamente relacionado a um evento político que confirmou a força do partido de Hitler. Desta vez, o artifício que arma o ponto de vista para a sondagem da superfície da vida social não é a encenação de ingenuidade, como em “Gritos na rua”, mas outra atitude típica de Kracauer: ele assume a perspectiva do estrangeiro (como em “Todos os dias manifestação”), mantendo um distanciamento interessado em relação à matéria cotidiana. Na noite de 13/03/1932, o objetivo do percurso pelas ruas de Berlim é observar a “febre eleitoral” [*Wahlfieber*] enquanto transcorre a apuração do primeiro turno. Segundo Peter Gay (2001, p. 161), às vésperas daquelas eleições presidenciais em que Hitler ficou em segundo lugar, o cenário político encontrava-se a tal ponto conturbado que tudo parecia possível – daí a expectativa de mobilização acalorada dos eleitores com que se inicia o artigo de Kracauer. Porém, ao contrário do esperado, prevalece um clima de paz domingueira, as pessoas nos lugares costumeiramente mais movimentados pareciam apenas querer se divertir, como se fosse uma noite qualquer em Berlim. A primeira hipótese para explicar toda aquela tranquilidade no espaço público esvaziado é que os eventos que ficaram conhecidos como “Kurfürstenkrawallen” (ataques antisemitas ocorridos meses antes, por ocasião do ano novo judaico) teriam amedrontado a população. Mas outra causa para o vazio das ruas parece mais plausível:

Em suma, no dia da eleição, não havia em Berlim nenhuma febre de eleição, mas uma perceptível *subtemperatura* [*Untertemperatur*]. Qual a sua origem? Possivelmente, muita gente, já escaldada com os tumultos da Kurfürstendamm, ficou com medo de confrontos e por isso evitou a rua. Bem mais provável, no entanto, é que a maioria tenha ficado em casa para ouvir o resultado da eleição no círculo familiar. É culpa do *rádio* que a esfera pública tenha ficado órfã. Num tempo em que a política foi empurrada de dentro das casas dos cidadãos para a rua, durante horas cruciais as pessoas voltaram da rua para seus salões. (KRACAUER, 2011, v. 4, p. 64-65; grifos do autor)

Esse final em tom deceptivo, com termos que rondam o campo semântico da morte (hipotermia, orfandade), contrasta com a descrição despreocupada que prevalece ao longo do artigo, chamando atenção para o problema do esvaziamento da esfera pública, da determinação da política pela vida privada e pelos meios de comunicação de massa. Em ensaios do mesmo período, Kracauer apresenta análises que resultam em avaliação similar, relacionando entretenimento de massa, pauperização da classe média e individualismo. Dois exemplos: tanto em “Sobre livros de sucesso e seu público” (1931) quanto em “A biografia como forma de arte da nova burguesia” (1930) – ambos incluídos

em *O ornamento da massa* – explica que os gêneros contemporâneos mais apreciados pela massa de leitores são aqueles que oferecem alguma compensação para o desmantelamento de “muitos dos conteúdos de consciência da burguesia”. Como uma série de transformações econômicas (inflação, concentração de capital, racionalização crescente da produção e crise mundial) conduziram a pequena burguesia a “um estado próximo da dissolução” (aquela situação observada em *Os empregados*), por medo de “afogar-se no proletariado”, os estratos baixos da classe média aferraram-se a ideais burgueses já caducos na era da sociedade de massas. Entre eles, um individualismo incompatível com um tempo em que o “indivíduo se tornou anônimo”, em que no mais das vezes as expressões de autonomia do sujeito não passam de “imitações confusas” do idealismo filosófico. Refugiadas “no interior do mundo burguês”, como na noite da eleição, as camadas médias se recusam a admitir as condições objetivas que as aproximam dos proletários e assumem posições políticas orientadas por essa falsa consciência (cf. KRACAUER, 2009, p. 105-115; 117-122). Anos mais tarde, em uma passagem de *De Caligari a Hitler: uma história psicológica do cinema alemão*, Kracauer procurou evidenciar esse processo estabelecendo homologia entre o desenvolvimento de técnicas para produção de filmes alemães integralmente em estúdios, nos anos 1920, e a concomitante “retirada geral para dentro de uma concha”: a substituição da arena pública pelo interior burguês (espiritual ou familiar) é associada à filmagem em espaço fechado. É verdade que se trata, em boa medida, de analogia formalista – alguns argumentos do livro ficam mesmo comprometidos por problemas de mediação. Mas esse tipo de interpretação questionável não desqualifica a tese como um todo, sustentada por outros argumentos que retomam trabalhos dos anos 1930. Como o seguinte trecho:

Apesar de essa camada da baixa classe média não poder mais aspirar à segurança burguesa, ela desprezou todas as doutrinas e ideais mais em harmonia com sua condição, mantendo atitudes que haviam perdido qualquer base na realidade. A consequência foi o desamparo mental: eles [sic] persistiram numa espécie de vácuo que posteriormente contribuiu para sua obstinação psicológica. (KRACAUER, 1988, p. 23)

O vácuo, o vazio, assume formas diversas nas imagens de pensamento de Kracauer que interessam aqui. Em “Bandeiras” surge na forma de silêncio: à época em que Hitler ficou em segundo lugar na disputa pela presidência da república, as suásticas nas fachadas dos prédios multiplicaram-se como se os moradores tivessem feito para isso um acordo silencioso, tácito [*stillschweigend*]. O narrador especula ainda que os vizinhos, que

normalmente se cumprimentavam, passariam uns pelos outros mudos [*stumm*] ao descobrirem que são adversários políticos (KRACAUER, 2011, v. 4, p. 90-91). E é também sob silêncio pesado que os fascistas marcham em “Todos os dias manifestação”, ritmados mas sem qualquer música, sem dizer nada nem mesmo sobre o assunto que motivou a passeata (a estreia do filme *Nada de novo no front*, considerado afronta à honra alemã). Um silêncio opressor, expressão do irracionalismo dos que se recusam a enunciar argumentos claros e razoáveis [*hell und vernünftig*]: “Nenhum conhecimento os iluminava” [*Keine Erkenntnis leuchtet über ihnen*]. Por fim, na cena que se passa no dia seguinte ao incêndio do Reichstag (“Em torno do Parlamento”), testemunha-se mais uma vez o silenciamento do debate público: uma multidão cerca o edifício-símbolo do projeto republicano, mas os curiosos não comentam entre si o desastre, como costuma ocorrer nesse tipo de situação. Mantêm-se calados enquanto contemplam as ruínas: “Os olhares transpassam esse símbolo e mergulham no abismo aberto por sua destruição” (KRACAUER, 2011, v. 4, p. 395). Como sabemos, esse vazio de proporções abissais abriu espaço oportuno para Hitler e seus aliados.

Já entre 1922 e 1925, quando redigiu *Das Detektiv-Roman. Ein philosophischer Traktat* [O romance policial. Um tratado filosófico], Kracauer recorria à imagem do vazio ou do vácuo. No capítulo “O saguão de hotel” (incluído em *O ornamento da massa*), nesse ambiente típico da ficção de detetive, que ele considera representativo da “sociedade civilizada”, é um vazio que se produz com o “fundamento sem essência como base da socialização racional” promovida pela *ratio*, a razão instrumental vigente com o capitalismo: “As pessoas estão simplesmente sem relação entre si, gotejam no vácuo”, no “espaço da falta de relações” que se manifesta com a “observância de *silêncio*” (KRACAUER, 2009, p. 193-194; 197-199; grifo do autor). No caso de *Das Detektiv-Roman*, está em jogo a oposição entre comunidade [*Gemeinschaft*] e sociedade [*Gesellschaft*], conforme os termos de Ferdinand Tönnies: “comunidade como unidade viva e sociedade como forma de associação atomizada” (cf. SANTOS, 2016, p. 39). A partir de 1926, quando Kracauer passa a se orientar por uma espécie de “marxismo humanista” (cf. TRAVERSO, 1998, p. 77), já não prevalece o traço nostálgico e algo romântico que havia em seus posicionamentos no início daquela década, a defesa de um

ideal de comunidade enraizado no passado (como a suposta vida popular na Idade Média?)⁸.

Nas imagens de pensamento de Kracauer dos anos 1930 em que a cena política na qual vicejava o fascismo é apresentada como um silencioso vazio, o contraponto à desagregação regressiva da esfera pública não se ancora em qualquer idealização passadista. Surge naqueles breves vislumbres de interação entre pessoas em meio aos movimentos trabalhistas – um tipo de interação motivada não por algum sentido “espiritual” de comunidade, mas por circunstâncias práticas, materiais, que alimentam vínculos, debates, ações. São, entretanto, apenas irrupções, cada vez mais frágeis conforme o partido nacional-socialista acumula vitórias, em face das quais as palavras de ordem do ideário político de esquerda vão se tornando inócuas. No penúltimo texto da série selecionada aqui (“Bandeiras”), essa fragilidade é visível: enquanto estandartes com a suástica se prendem às fachadas como se fossem enormes aranhas, uma grande faixa comunista havia sido destroçada pela tempestade da véspera, apenas alguns farrapos ainda esvoaçam em dia de eleição. É a contragosto do autor que se configura essa simbologia, para a qual chama atenção com a própria recusa: “Seria errado, no entanto, considerar todos os fenômenos meteorológicos igualmente simbólicos, ao modo dos maus romancistas” (KRACAUER, 2011, v. 5.4, p. 90).

O vazio silencioso se impõe até quando se trata de manifestações mais explícitas da brutalidade fascista. Logo a vida segue, como se nada tivesse acontecido. Em “Vidraças despedaçadas”, por exemplo, uma conhecida rua comercial de Berlim parece estar “no mais profundo pacifismo” no dia seguinte a um quebra-quebra em que foram apedrejadas lojas de nomes judeus.

⁸ A mudança de perspectiva de Kracauer em meados da década de 1920 fica flagrante num parágrafo de “O ornamento da massa” (1927) em que refuta a adesão àquela ideia de comunidade que ele mesmo cultivava poucos anos antes: “Claro que a *ratio* do sistema econômico capitalista não é a própria razão, mas sim uma razão turva. A partir de um determinado ponto, ela abandona a verdade, da qual ela participa. A *'ratio'* não inclui o homem. Nem a operação do processo de produção é regulada de acordo com as suas necessidades, nem serve como fundamento para as estruturas da organização social e econômica, como tampouco em nenhum momento o fundamento do sistema constitui o fundamento do homem. O fundamento do homem: isto não significa que o pensamento capitalista deveria cultivar o ser humano como uma formação historicamente produzida e que deveria necessariamente deixá-lo incontestado enquanto personalidade, satisfazendo as aspirações impostas pela sua natureza. Os defensores desta tese acusam o capitalismo de que o seu racionalismo viola o homem, e almejam o ressurgimento de uma comunidade, que seja capaz de preservar melhor que a sociedade capitalista o elemento supostamente humano. Abstraindo o efeito retardatório, elas não alcançam aquilo que constitui o núcleo de debilidade do capitalismo: ele não racionaliza muito, mas *muito pouco*. O pensamento do qual é portador se opõe à realização da razão, que fala a partir do fundamento do homem.” (KRACAUER, 2009, p. 97; grifos do autor).

Pelo menos a confusão valeu a pena – para os vidraceiros. Eles já estão empolgados no trabalho e instalam novas vitrines, para que elas então possam ser quebradas novamente. A imagem deles me abala, porém prova que a vida sempre se endireita logo. “Cuidado”, está escrito em um cartaz para afastar as pessoas do local de trabalho dos vidraceiros, e cortinas impressas durante a noite anunciam ao público que, apesar da vitrine destruída, a loja está aberta. Muitas rachaduras estão presas com fitas de papel, vitrines quebradas cobertas por tábuas pregadas. Não tem atraso, imediatamente se reestabelece a pobreza habitual. Mesmo que fossem guerras e revoluções; depois vêm os vidraceiros, e é como se não tivesse acontecido nada. (KRACAUER, 2018, p. 72)

A recomposição da rotina enquanto se acumulam desgraças, o modo automático como se torna cotidiano o convívio com a brutalidade (cada vez mais frequente) soa ainda mais artificial com o tom irônico que prevalece no artigo. Um tom que chega até a fazer-se canhestro, como nessa frase em que se simula aquela ingenuidade aparvalhada que já foi mencionada: “As pedras parecem ter sido arremessadas de acordo com a religião, já que principalmente nomes judeus foram alvejados”. Aliás, tudo em “Vidraças despedaçadas” se reveste de certa artificialidade, culminando com o pelicano postiço que chama atenção em uma das vitrines atingidas: “vigiava orgulhoso as mercadorias expostas atrás de uma delas, embaixo de uma bela árvore florida, agora enlutece sua existência em liberdade” (KRACAUER, 2018, p. 72). Não é por acaso que esse objeto tão esdrúxulo quanto a estranha naturalidade que cerca o trabalho dos vidraceiros atrai o olhar do observador que percorre a cena onde houve depredação. Ele próprio se confessa impotente e fora de lugar como aquele pelicano, na abertura e no encerramento do texto.

Aconteceu comigo de novo, como em diversos quebra-quebras anteriores: eu cheguei tarde demais, eu não estava lá. Sempre que há um tumulto é em outro lugar.

[...]

Eu ainda fui para a Alexanderplatz, mas não aconteceu nada em lugar nenhum. O infortúnio é que, assim que me ausento, surge, a qualquer momento, novamente um infortúnio. E eu não posso estar em todos os lugares ao mesmo tempo. (KRACAUER, 2018, p. 72-73)

Repete-se mais uma vez aquela expectativa de eclosão do mal em meio ao cotidiano. Como em “Gritos na rua” e “Todos os dias manifestação”, respira-se um ar pesado, esperando sempre que algo aconteça. Mas a vida segue. Até mesmo quando o ar se torna literalmente irrespirável, como nos arredores do Reichstag ainda exalando fumaça, a nota de continuidade do dia-a-dia ressoa no bordão do camelô que anuncia bombons de eucalipto e na algazarra das crianças no caminho da escola, ingenuamente excitadas com o acontecimento. O clima geral de perplexidade não trava o curso da rotina, e isso em parte mascara a extensão de um problema que o próprio texto de Kracauer não

esclarece de todo, encerrando-se assim: “Quando elas [as crianças] forem crescidas, aprenderão com a história o que o incêndio do Parlamento tinha significado na realidade” (KRACAUER, 2011, v. 4, p. 396).

Fica subentendido que aquele que observa o entorno do desastre já sabe o que aquilo significa, mas opta por se calar. Claro, àquela altura já vigorava censura, então naturalmente não haveria mesmo como abrir o verbo. De qualquer modo, esse recuo para o silêncio intensifica o tom de gravidade presente em todo o artigo. O infortúnio pressentido na vida cotidiana, latente nas cenas de esvaziamento da esfera pública, agora tem forma visível, ao mesmo tempo concreta e simbólica. Se o silenciamento do narrador de “Em torno do Parlamento” exprime de modo radical o cancelamento do debate público, não deixa de soar também como resposta a situações-limite, parece similar ao da senhora Biehl na passagem de *Ginster* em que se confirma a morte de seu filho na frente de batalha da Primeira Guerra: “[...] ela permaneceu em silêncio desde então. A fala tinha sentido apenas quando apreendia a realidade e se desenvolvia em liberdade. Agora que a realidade havia irrompido, a linguagem se dissipava com o vento.” (KRACAUER, 2013b, p. 125).

Junto com o recuo para o silêncio, a suposição de que seria preciso aguardar (um futuro relativamente próximo, o tempo de as crianças crescerem) para que a história esclarecesse o significado de uma desgraça presente remete à atitude de *espera*, motivo importante no pensamento de Kracauer.

Em todo esse conjunto de imagens de pensamento dos anos 1930 – primeiro com a recorrente expectativa de um mal prestes a eclodir, por fim com essa aposta de que ao menos se realizará a compreensão de um processo negativo – se encontra reconfigurada a disposição para a *espera* presente em escritos de Kracauer desde o início da década anterior. O texto emblemático é “Aqueles que esperam”, de 1922. Aí são discutidas diferentes reações ao *horror vacui*, ao “sofrimento metafísico pela falta de um sentido mais elevado no mundo”, ao “*esvaziamento* do espaço espiritual/intelectual que cerca as pessoas”. Um diagnóstico tributário, sobretudo, dos trabalhos de Georg Simmel e das ideias a respeito do desencantamento do mundo (Weber) e do desabrigo transcendental (Lukács) na modernidade. Em “Aqueles que esperam”, por estar interessado em “desdobrar a situação anímica [*seelische*], na qual se encontram as pessoas”, Kracauer apenas assinala resultados de um “desenvolvimento social e centenas de outras séries de desenvolvimento que, em última instância, conduzem ao caos presente”. Trata-se de um

longo processo histórico, que remonta a: 1) o declínio da “coação de uma comunidade estabelecida pela autoridade clerical, pela tradição, estatuto e dogma”; 2) a emergência do “eu-racional [*Vernunft-Ich*] atemporal do Iluminismo [*Aufklärung*]” e 3) com o capitalismo, a atomização crescente do sujeito, que “em parte se degenera em um constructo casual arbitrário”⁹. Esse curso histórico vagamente indicado é logo deixado para trás no ensaio, que se concentra na discussão das alternativas contemporâneas diante da crise. Kracauer discute três tipos: 1) o *cético por princípio* (Max Weber é o exemplo emblemático), cuja “consciência intelectual se rebela contra a entrada em qualquer um dos caminhos para a suposta redenção”, abdica da aspiração ao absoluto e assume uma existência que “segue o seu curso na infinitude perversa do espaço vazio”; 2) os *homens curto-circuito* aferram-se a “uma vontade para a fé”, contra a angústia do desespero intelectual, esses “refugiados do vácuo” amparam-se nos mais diversos ideários, religiosos ou não; 3) *aqueles que esperam* procuram escapar ao “terrível ou-ou de ambas as posições” e dispõem-se a “um *estar-aberto hesitante*” (KRACAUER, 2009, p. 149-150, 156-159; grifos do autor).

Em um sentido positivo, a espera supõe abandonar a serenidade teórica dos céticos e dos voluntaristas da fé e deslocar o centro de gravidade do eu teórico para o eu humanamente completo, das abstrações carentes de forma e irreais para uma “realidade que encarna coisas e pessoas que, por conseguinte, exigem ser vistas concretamente”. (VEDDA, 2011, p. 68)¹⁰

A espera preconizada no ensaio de 1922 tem, portanto, implicações epistemológicas (cf. SANTOS, 2015): o ponto de partida é uma aspiração traduzida em termos religiosos (o preenchimento de um vazio espiritual que, no passado, seria garantido pela integração do indivíduo na comunidade); o ponto de chegada é a abertura para a concretude dos fenômenos contemporâneos, componente decisivo da perspectiva crítica adotada por

⁹ Na introdução à sua tradução de *Ginster* para o espanhol, Miguel Vedda especifica circunstâncias e processos objetivos implicados na situação de crise detectada por Kracauer, que impactam seus escritos dos anos 1920: “[...] o cenário do começo do século XX suscitou, em alguns artistas, escritores e pensadores alemães, expressões de angustiado assombro ante um presente inaudito [...]. A crise definitiva do liberalismo e o ingresso no capitalismo monopolista e na sociedade de massas; a perda de confiança, por parte de vários setores das sociedades europeias ocidentais, nas instituições da democracia burguesa; o questionamento radical do positivismo científico, com todas as suas implicações ideológicas, entre as quais se incluem as ‘ilusões do progresso’: todos esses fenômenos marcaram a fogo a consciência e a obra dos intelectuais do período. Mas nada chegou a impressioná-los tão profundamente, por sua inusitada violência, como a Primeira Guerra Mundial.” (VEDDA, 2018, p. 9-10).

¹⁰ A passagem de “Aqueles que esperam” transcrita no trecho segue a edição brasileira de *O ornamento da massa* (KRACAUER, 2009, p. 160). Sobre “Aqueles que esperam”, ver também SANTOS, 2015; 2016, p. 74-92; TRAVERSO, 1998, p. 69-73.

Kracauer. Além disso, em “Aqueles que esperam”, como notou Leopoldo Waizbort, a indagação gira em torno de “posições contemporâneas de cunho individual – e não coletivo – resultantes do avançado processo de secularização”; a partir de meados daquela década, quando Kracauer assume perspectiva mais programaticamente materialista, “esperava uma transformação e pretendia contribuir para a clarificação do que precisava ser transformado, [...] suas análises reconheciam forças sociais progressivas (uma superação dos limites da *ratio* capitalista) e forças sociais regressivas (o retorno ao mito)” (WAIZBORT, 2009, p. 63-65). Vale acrescentar que, depois dessa passagem do individual para o coletivo ou social, nas imagens de pensamento elencadas aqui, verifica-se ainda outra mutação no sentido da espera. À medida em que as tendências mais regressivas vão prevalecendo no embate das forças sociais e na política institucional, como esperar, o que se pode esperar?

Em palestras recentes sobre a “metafísica da espera” no pensamento de Walter Benjamin, Paulo Arantes tem chamado atenção para o fato de que *espera* era algo que integrava uma espécie de *Zeitgeist* que ganhou expressão em trabalhos de artistas e intelectuais europeus desde o século XIX. Seu ponto de partida para discutir essa disposição é o Convóluto D das *Passagens* de Benjamin, “O tédio, o eterno retorno”, em especial duas entradas: uma máxima de Hebel (“A espera é, de certa forma, o lado interior forrado do tédio.”) e o fragmento D 2,7: “Sentimos tédio quando não sabemos o que estamos esperando. [...] O tédio é o limiar para grandes feitos”. Paulo Arantes demonstra que a raiz histórica dessa expectativa de um acontecimento de grande impacto é a Revolução Francesa, lembrando que já Hegel, na *Fenomenologia do Espírito*, afirma que o tédio que se alastrava no fim do regime monárquico francês anunciava o nascimento de algo inédito, prenunciava a revolução, e o tédio do século XIX exprime a decepção com a interrupção do curso revolucionário. O avesso do tédio seria, assim, a espera de um evento audacioso, a eclosão de uma reviravolta, para o bem ou para o mal. Daí que, nos primeiros anos do século XX, a espera da revolução se confunde com a da guerra – o que em parte explica a empolgação que se instalou nos diversos níveis da sociedade europeia com o anúncio da 1ª Guerra Mundial. Mas, a partir do término da Segunda Guerra, o que se dá é um progressivo desmanche dos fundamentos da “metafísica da espera”. A revelação de violências arrasadoras dos campos de concentração nazistas, do stalinismo e do ataque nuclear norte-americano às cidades japonesas marca o início daquilo que

Günter Anders chama de “tempo do fim”, quando a possibilidade comprovada de destruição da vida na Terra intercepta expectativas progressistas de passagem a uma outra época (cf. ARANTES, 2020a; 2020b).

Em uma imagem de pensamento de 1924 intitulada “Tédio”, Kracauer valoriza o “tédio radical, extraordinário”, que poderia funcionar como fator de coesão entre os sujeitos submetidos ao “mundo tão administrado”, provendo “uma espécie de garantia, por assim dizer, para que se tenha ainda controle sobre sua própria existência” (2009, p. 351-354). E os artigos comentados aqui também estão impregnados do *Zeitgeist* da espera. Mas com uma especificidade: ao mesmo tempo antecipam sua dissolução. Pode-se reconhecer uma imagem eloquente de antecipação do desmanche da “metafísica da espera” também em uma fotografia feita por Elizabeth (Lili) Kracauer em Paris, em algum momento entre 1934 e 1938. Vê-se um prédio em ruínas, à primeira impressão parece bombardeado. Mas trata-se de uma demolição, como informa a placa afixada na parede ainda de pé, que anuncia também a venda de materiais diversos. Um homem segurando uma vassoura está parado na esquina, diante dos escombros, ao lado da placa de trânsito que avisa: “Sens interdit” [sentido proibido]. O ângulo do qual a foto foi tirada não permite ver onde vai dar a rua¹¹.

¹¹ A fotografia tirada por Lili Kracauer encontra-se reproduzida em ZINFERT, 2014, p. 53. Agradeço ao Deutsches Literaturarchiv Marbach-DLA a autorização para reprodução da imagem aqui.

Imagem 1



©Siegfried Kracauer / Deutsches Literaturarchiv Marbach.

Nas imagens de pensamento de Kracauer que levam em conta o fortalecimento do fascismo nas ruas da Alemanha também se imprime interdição. Com seu *nonsense*, o final de “Vidraças despedaçadas”, citado acima, exprime bem o misto de ambição transformadora e consciência de limites. Por outro lado, em “Em torno do Parlamento”, a suposição de que seria questão de tempo para que as crianças de 1933 compreendessem o significado do incêndio do Reichstag, insiste, mesmo diante de uma flagrante derrota, em projetar para o futuro alguma possibilidade de reversão, condicionada ao conhecimento da história. Essa é uma aposta que se manteve por décadas: Kracauer se voltou para a historiografia no exílio em Paris (quando publicou uma “biografia social” da Paris do século XIX a partir da trajetória do compositor de operetas Jacques Offenbach); quase dez anos depois, já nos Estados Unidos, escreveu a história psicológica do cinema alemão e, ao morrer em 1966, deixou inacabado *History: the last things before the last*, em que registra, numa anotação para o Epílogo, seu interesse em “estabelecer a tradição das causas perdidas” (KRACAUER, 1994, p. 219). Restou ao crítico que

pretendia intervenção no presente apostar que o trabalho historiográfico abra uma brecha para recuperar algo do que se perdeu.

Referências bibliográficas

- ADORNO, Theodor W.; KRACAUER, Siegfried. *Briefwechsel 1923-1966*. “Der Riß der Welt geht auch durch mich”. Org. Wolfgang Schopf. Frankfurt: Suhrkamp, 2008. Theodor W. Adorno Briefe und Briefwechsel, Band 7.
- ARANTES, Paulo. [Palestra sem título]. In: *Jornada Walter Benjamin 2020*. 80 anos da morte de Walter Benjamin. Mesa 2. Belo Horizonte: UFMG, 2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=05WjbORxf9I&t=11025s>>. Acesso em: 10 dez. 2020.
- ARANTES, Paulo. Benjamin a 1 (?) minuto do fim. In: *II Colóquio Internacional Walter Benjamin: Memória e atualidade*. Belo Horizonte: GT História da Filosofia; Editora UFMG, 2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=-FJXkQcdfio&t=158s>>. Acesso em: 10 dez. 2020.
- BELKE, Ingrid. Introducción: Los empleados. In: KRACAUER, Siegfried. *Los empleados: un aspecto de la Alemania más reciente*. Trad. Miguel Vedda. Barcelona: Gedisa, 2008.
- BENJAMIN, Walter. Politização da *intelligentsia*: a propósito de *Os empregados* de S. Kracauer. In: KRACAUER, S. *Os empregados*. Trad. Manuela Gomes. Lisboa: Antígona, 2015.
- BENJAMIN, Walter. Para uma crítica da “Nova Objectividade”. In: *Linguagem, tradução, literatura*. Trad. João Barrento. Porto: Assírio & Alvim, 2015.
- BENJAMIN, Walter. O autor como produtor. In: *Estética e sociologia da arte*. Trad. João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.
- CHICOTE, Francisco G. La forma del discurso de *Los empleados*: desde la información hacia la experiência. In: MACHADO, Carlos Eduardo J.; VEDDA, Miguel (Org.). *Siegfried Kracauer: un pensador más allá de las fronteras*. Buenos Aires: Gorla, 2010.
- DÉSPOIX, Philippe. La miniature urbaine comme genre: Kracauer entre ethnographie urbaine et heuristique du cinéma. In: DÉPOIX, Philippe; PERIVOLAROPOULOU, Nia. *Culture de masse et modernité: Siegfried Kracauer sociologue, critique, écrivain*. Paris: Ed. de la Maison des Sciences de l’Homme, 2001.

- DIGBEU-BADLOR, Jacque Lohourou. *Siegfried Kracauer et les grands débats intellectuels de son temps*. Stuttgart: Verlags Hans-Dieter Heinz; Akademischer Verlag Stuttgart, 2005.
- DURÃO, Fabio Akcelrud. A imagem de pensamento como forma. *Pandaemonium Germanicum*, São Paulo, v. 20, n. 30, set.-dez. 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1982-88372017000300021&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 10 dez. 2020.
- GAY, Peter. *Weimar culture: the outsider as insider*. Nova York; Londres: W. W. Norton & Company, 2001.
- GROSCURTH, Henning. Über einige Motive der Frankfurter Zeitung. *Sprache und Literatur*, Aachen, v. 99, p. 39-69, 2007.
- KRACAUER, Siegfried. *De Caligari a Hitler: uma história psicológica do cinema alemão*. Trad. Tereza Ottoni. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.
- KRACAUER, Siegfried. *History: the last things before the last*. Completed by Paul Oskar Kristeller. Princeton: Markus Wiener Publishers, 1994.
- KRACAUER, Siegfried. *O ornamento da massa: ensaios*. Trad. Carlos Eduardo Jordão Machado e Marlene Holzhausen. São Paulo: Cosac Naify, 2009.
- KRACAUER, Siegfried. *Werke. Band 5: Essays, Feuilletons, Rezensionen*. Hrsgb. von Inka Müller-Bach. Berlin: Suhrkamp, 2011. 4v.
- KRACAUER, Siegfried. *Totalitäre Propaganda*. Berlin: Suhrkamp, 2013a.
- KRACAUER, Siegfried. *Ginster. Von ihm selbst geschrieben*. Frankfurt: Suhrkamp, 2013b.
- KRACAUER, Siegfried. *Os empregados*. Trad. Manuela Gomes. Lisboa: Antígona, 2015.
- KRACAUER, Siegfried. Vidraças despedaçadas. Trad. Fernando Albuquerque. In: ALBUQUERQUE, Fernando. *10 x Kracauer*. Rio de Janeiro, 2018. Tese (Doutorado em Ciência da Literatura) – Faculdade de Letras, UFRJ.
- MACHADO, Carlos Eduardo Jordão. O *exposé* sobre “Massa e propaganda” e as primeiras interpretações de Siegfried Kracauer do nazifascismo. *Verinotio: revista online de Filosofia e Ciências Humanas*, Rio das Ostras, v. 24, n. 2, 2018. Dossiê: Bicentenário Karl Marx. Disponível em: <<http://www.verinotio.org/sistema/index.php/verinotio/article/view/362>>. Acesso em: 10 dez. 2020.
- RICHTER, Gerhard. *Imagens de pensamento: reflexões dos escritores da Escola de Frankfurt a partir da vida danificada*. São Paulo: Nankin, 2017.
- SANTOS, Patricia da Silva. A espera peculiar de Siegfried Kracauer. *Terceira Margem*, Rio de Janeiro, n. 32, jul.-dez. 2015. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/tm/article/view/10263/7757>>. Acesso em: 10 dez. 2020.
- SANTOS, Patricia da Silva. *Sociologia e superfície: uma leitura dos escritos de Siegfried Kracauer até 1933*. São Paulo: Unifesp, 2016.

- TRAVERSO, Enzo. *Siegfried Kracauer: itinerario de un intelectual nómada*. Trad. Anna Montero Bosch. València: Edicions Alfons el Magnànim, 1998.
- VEDDA, Miguel. Dos formas de comunicación: sobre la dialéctica de teología y marxismo en los escritos tempranos de Siegfried Kracauer. In: *La irrealidad de la desesperación: estudios sobre Siegfried Kracauer y Walter Benjamin*. Buenos Aires: Gorla, 2011.
- VEDDA, Miguel. Introducción: la novela de un marginal melancólico: a propósito de *Ginster*, de Siegfried Kracauer. In: KRACAUER, Siegfried. *Ginster. Escrito por él mismo*. Trad. Miguel Vedda. Buenos Aires: Las Cuarenta, 2018.
- VEDDA, Miguel. Alegorías de la improvisación: a propósito de los cuadros de ciudades en *Calles de Berlín y otros lugares*, de Siegfried Kracauer. *Projeto História*, São Paulo, v. 65, maio-ago. 2019. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/43672>>. Acesso em: 10 dez. 2020.
- WAIZBORT, Leopoldo. O verdadeiro no mais próximo. *Novos estudos*, São Paulo, v. 85, nov. 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-33002009000300003>. Acesso em: 10 dez. 2020.
- WIZISLA, Erdmut. Crise e Crítica. In: *Benjamin e Brecht: história de uma amizade*. São Paulo: EdUSP, 2013.
- ZINFERT, Maria (Org.). *Kracauer Fotoarchiv*. Zürich; Berlin: Diaphanes, 2014.

Recebido em 10/12/2020

Aceito em 12/01/2021

ⁱ **Danielle Corpas** é Professora Associada do Departamento de Ciência da Literatura da UFRJ, Bolsista de Produtividade em Pesquisa CNPq, Doutora em Teoria Literária. **E-mail:** daniellecopras@letras.ufrj.br